

ESPECIAL:

estudo bíblico vicentino

Março/abril/maio 2019

Foto: Sirlene Ribeiro



Para ler, compartilhar e agir

Em uma proposta de fomentar a espiritualidade entre os confrades e consócias da área do Conselho Metropolitano de Formiga, o Departamento de Comunicação (Decom) publica um anexo ao jornal COMUNICAÇÃO Vicentina, com comentários relacionando as leituras bíblicas semanais ao cotidiano da Sociedade de São Vicente de Paulo (SSVP).

Os textos são de autoria do confrade Eduardo Marques de Almeida, um confrade brasileiro que mora em Honduras, e contribui na formação do Conselho Geral Internacional (CGI).

São breves reflexões que impõem à caridade e aos demais compromissos cristãos. Elas devem ser lidas em reuniões de Conferências e Conselhos, animando a caminhada vicentina no serviço aos Pobres.



Samuel Godoy

Confrade Eduardo Marques de Almeida

Semana de 4 de março de 2019 (referência: leituras do domingo 10 de março)

Primeiro Domingo da Quaresma
Leituras: Deut 26,4-10; Rom 10,8-13; Lc 4,1-13

“Está mandado: ‘Não tentarás o Senhor teu Deus’”.

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, Jesus, cheio do Espírito Santo, retirou-Se das margens do Jordão.

Durante quarenta dias, esteve no deserto, conduzido pelo Espírito, e foi tentado pelo diabo.

Nesses dias não comeu nada e, passado esse tempo, sentiu fome.

O diabo disse-lhe: “Se és Filho de Deus, manda a esta pedra que se transforme em pão”.

Jesus respondeu-lhe: “Está escrito: ‘Nem só de pão vive o homem’”.

O diabo levou-O a um lugar alto e mostrou-Lhe num instante todos os reinos da terra

e disse-Lhe: “Eu Te darei todo este poder e a glória destes reinos,

porque me foram confiados e os dou a quem eu quiser.

Se Te prostrares diante de mim, tudo será teu”.

Jesus respondeu-lhe: “Está escrito: ‘Ao Senhor teu Deus adorarás, só a Ele prestarás culto’”.

Então o demônio levou-O a Jerusalém, colocou-O sobre o pináculo do Templo e disse-Lhe:

“Se és Filho de Deus, atira-te daqui abaixo, porque está escrito:

‘Ele dará ordens aos seus Anjos a teu respeito, para que te guardem’;

e ainda: ‘Na palma das mãos te levarão, para que não tropeces em alguma pedra’».

Jesus respondeu-lhe: “Está mandado: ‘Não tentarás o Senhor teu Deus’”.

Então o diabo, tendo terminado toda a espécie de tentação, retirou-se da presença de Jesus, até certo tempo.

Reflexão vicentina

A Quaresma é um tempo muito oportuno para pensarmos sobre a nossa vida e para nos converter. Converter significa mudar de direção, ou seja, mudar de vida. Muitas vezes associamos a conversão a deixar de pecar. De fato, este é um lado importante da conversão, porque ao deixar de pecar, deixamos de nos deixar guiar pelo “demônio” que vive nos tentando, como ele fez três vezes com Jesus, no evangelho de Lucas deste domingo. Mas há o demônio que nos atinge quando estamos tentando exercitar a virtude também (não somente deixar de exercer o pecado).

E é muito interessante que o demônio nos tenta justamente quando nos sentimos mais fracos, pela fome, pela decepção e pelo “fracasso da santidade”. É muito estranho que Jesus tenha ido ao deserto para rezar e jejuar por 40 (muitos) dias, e o demônio tenha conseguido tentá-Lo. Era de se esperar que, em um ambiente de oração e de jejum (dois exercícios fundamentais da Quaresma), Jesus tivesse ficado “livre” da tentação do mal. Mas aconteceu exatamente o contrário.

Assim acontece conosco. Muitas vezes, é quando pensamos que estamos sendo mais santos ou mais caridosos, ou quando desenvolvemos um projeto que pensamos ser obra de Deus, que somos tentados pelo demônio do poder, ou da glória, ou da riqueza exagerada. Na verdade, só os bons se decepcionam profundamente com o “fracasso” de seus planos de bondade; os maus realizam obras de egoísmo e, portanto, não se sentem decepcionados pelo fracasso.

Quantas histórias escutamos de santos que foram injustiçados, mal compreendidos, humilhados ou castigados exatamente por terem sido bons, por terem arriscado a sua “zona de conforto” para servir mais, em particular os Pobres. Se isso aconteceu com você, então você deve se sentir muito feliz, porque participou da Cruz de Cristo que nada mais é do que uma expressão de tudo o que nos parece ser “fra-

caso”.

E é nestas horas que o demônio tenta tomar nossos corações e nossas mentes com promessas de vingança, de glória, de poder e de riqueza. É necessário estar atentos para estas manifestações do demônio que está dentro de nós. É necessário ir buscar a reação de santidade no fundo de nosso ser. E esta busca pode (e deve) ser feita pela oração, pelo jejum e pela caridade.

Quando você se decepcionar com algum projeto de santidade, busque o Santíssimo Sacramento, ofereça a decepção como sacrifício de Cruz e não abra espaço para o demônio. A oração, o jejum e a caridade são “armaduras do Senhor” contra o demônio (Ef 6, 13-17).

Semana de 11 de março de 2019 (referência: leituras do domingo 17 de março)

Segundo Domingo da Quaresma
Leituras: Gen 15,5-12.17-18; Filip 3,17-4,1; Lc 9,28b-36

“Este é o meu Filho, o meu Eleito: escutai-O”.

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, Jesus tomou consigo Pedro, João e Tiago e subiu ao monte, para orar.

Enquanto orava, alterou-se o aspecto do seu rosto

e as suas vestes ficaram de uma brancura refulgente.

Dois homens falavam com Ele: eram Moisés e Elias, que, tendo aparecido em glória,

falavam da morte de Jesus, que ia se consumir em Jerusalém.

Pedro e os companheiros caíram no sono; mas, despertando, viram a glória de Jesus

e os dois homens que estavam com Ele.

Quando estes se iam afastando, Pedro disse a Jesus: “Mestre, como é bom estarmos aqui!

Façamos três tendas: uma para Ti, outra para Moisés e outra para Elias”.

Não sabia o que estava dizendo.

Enquanto assim falava, veio uma nuvem que os cobriu com a sua sombra;

e eles ficaram cheios de medo, ao entrarem na nuvem.

Da nuvem saiu uma voz, que dizia: “Este é o meu Filho, o meu Eleito: escutai-O”.

Quando a voz se fez ouvir, Jesus ficou sozinho.

Os discípulos guardaram silêncio e, naqueles dias, a ninguém contaram nada do que tinham visto.

Reflexão vicentina

Neste segundo domingo da Quaresma, período de reflexão, de oração, de penitência e de caridade, as leituras nos mostram que o caminho para a conversão é fazer a vontade de Deus e aceitar que Ele nos acompanha no caminho, apesar de nossas fragilidades.

Em primeiro lugar, Deus nos escolhe. Escolheu Abrão no Antigo Testamento para que a “sua descendência fosse tão numerosa quanto as estrelas do céu”. Escolheu Paulo para que, depois de convertido, fosse nosso modelo e nós fôssemos seus “imitadores”. Desta forma, podemos “por nossos olhos naqueles que procedem segundo o modelo que temos em nós” (o modelo do plano de Deus para nós). Escolheu os apóstolos, para que, a exemplo de Pedro, João e Tiago, pudessem ser testemunhas de Sua transfiguração no monte.

Como vicentinos, sabemos que somos escolhidos. Nossa vocação é um dom de Deus que assumimos como nosso plano de vida. Seguindo a Abrão, não temos limite para o nosso serviço. Seguindo a Paulo, não deixamos um minuto de servir a vontade de Deus. E, seguindo os apóstolos, temos a graça de ser “transfigurados” diante de Deus cada vez que nos convertemos pelo serviço ao Pobre.

Em segundo lugar, somos frágeis. Abrão dormiu “um sono profundo” e “passou por um grande e escuro terror”. Pedro, João e Tiago também “caíram no sono” e tiveram “medo com a nuvem que os cobriu com a sua sombra”. É necessário ter consciência de que somos frágeis e ter a virtude vicentina da humildade para saber que tudo o que somos e fazemos vem de Deus. Só os santos passam pelas “noites escuras” da dúvida, do medo e da sensação de vazio, apesar de suas vidas serem um serviço total e incondicional aos outros. Madre Teresa de Calcutá é o exemplo mais recente da santa da caridade que passava também pelas “noites escuras”.

Finalmente, **Deus nos converte para que estejamos na plenitude de Sua glória.** Quando Abrão despertou, o sol trouxe a aliança que o

Senhor fez com ele. Paulo nos diz que a luz do Espírito Santo traz a certeza de que "a nossa pátria está nos Céus". A luz das vestes de "brancura refulgente", descrita no Evangelho, trouxe a alegria aos apóstolos Pedro, João e Tiago, de forma que eles reconheceram "como era bom estar lá"; e não queriam sair da montanha, de perto de Jesus transfigurado. Se aceitamos o plano de Deus e o pomos na humilde prática vicentina, a claridade da "nuvem do céu" sempre nos despertará, dizendo-nos que estamos muito perto Daquele que explicitamente foi chamado por Deus de "meu Filho, o meu Eleito". E tudo isso acontece, apesar de nossas fragilidades, de "dormirmos às vezes" e de passarmos por "noites escuras": estes sentimentos fazem parte da missão.

Semana de 18 de março de 2019 (referência: leituras do domingo 24 de março)

Terceiro Domingo da Quaresma

Leituras: Ex 3,1-8a.13-15; 1 Cor 10,1-6.10-12; Lc 13,1-9

"Quem julga estar de pé tome cuidado para não cair."

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas
Naquele tempo, vieram contar a Jesus que Pilatos mandara derramar o sangue de certos galileus, juntamente com o das vítimas que imolavam.

Jesus respondeu-lhes: "Julgais que, por terem sofrido tal castigo, esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus? Eu digo-vos que não.

E se não vos arreponderdes, morrereis todos do mesmo modo. E aqueles dezoito homens, que a torre de Siloé, ao cair, atingiu e matou?

Julgais que eram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém?

Eu digo-vos que não.

E se não vos arreponderdes, morrereis todos de modo semelhante. Jesus disse então a seguinte parábola: "Certo homem tinha uma figueira plantada na sua vinha.

Foi procurar os frutos que nela houvesse, mas não os encontrou. Disse então ao vinhateiro: 'Há três anos que venho procurar frutos nesta figueira e não os encontro. Deves cortá-la. Porque há de estar ela a ocupar inutilmente a terra?'

Mas o vinhateiro respondeu-lhe: 'Senhor, deixa-a ficar ainda este ano, que eu, entretanto, vou cavar-lhe em volta e deitar-lhe adubo. Talvez venha a dar frutos. Se não der, mandá-la-ás cortar no próximo ano'.

Reflexão vicentina

Neste terceiro domingo da Quaresma, período de reflexão, de oração, de penitência e de caridade, as leituras nos mostram que o caminho para a conversão passa por nosso compromisso com o perdão e com a fé na misericórdia infinita de Deus.

Deus nos pede que perdoemos sempre. Paulo nos oferece em sua Carta aos Coríntios, a oportunidade de repensar a nossa vida. Deus não quer que sejamos escravos da arrogância, da sensação de que somos deuses e de que nunca podemos cair. Nossas quedas acontecem para que nos demos conta de que somos fracos. Como ele mesmo diz: "esses fatos acontecem para nos servir de exemplo, a fim de não cobiçarmos o mal". Nossas quedas acontecem para que sintamos nós mesmos o perdão de Deus e possamos aprender a perdoar sempre os que caem diante de nós. Como sabemos, só pode perdoar aquele que passa pela experiência de ser perdoado!

Como vicentinos, temos que ser capazes de perdoar sempre, em particular aos outros vicentinos e aos queridos de nossa família, quando julgamos que eles ou elas se equivocam. Não podemos responder ao demônio que age através do nosso irmão, chamando também para nós o demônio. O escudo mais poderoso contra o demônio é o perdão e a lança mais efetiva para matá-lo é o amor sem limites. Isso parece teórico e poético, mas é muito real.

Adicionalmente, **nossa salvação está baseada fundamentalmente na misericórdia de Deus.** Na primeira leitura, Deus nos é apresentado como Aquele que está acima de todo o nome ("Ele é o que é") e, desde esta posição, tem misericórdia do povo de Israel e o liberta do Egito. Também no Evangelho, o vinhateiro tem compaixão da "figueira que não dá frutos" e propõe dar-lhe uma nova oportunidade antes de cortá-la, para que, uma vez adubada, possa melhorar e dar bons frutos. Como vicentinos, sabemos que tudo o que fazemos é baseado na

misericórdia de Deus e que nós podemos ajudar o Pobre a libertar-se da escravidão da pobreza, se tivermos também misericórdia com Ele. Quantas vezes pensamos em cortar a ajuda a uma família, porque ela não corresponde ao que nós esperamos dela! Julgamos com os nossos critérios e não pondo-nos no lugar do Pobre, na profundidade de sua pobreza! Não nos esqueçamos de que nós somos os representantes de Deus na casa do Pobre. Se queremos que Deus nos julgue com misericórdia, conhecendo a fundo nossas limitações, devemos também julgar os nossos assistidos com a mesma misericórdia divina, levando em conta as limitações deles.

Nosso caminho para a conversão e libertação deve ser trilhado através da conversão e libertação do Pobre que assistimos. Caminhamos juntos e solidários na direção de Deus. Nós apoiamos o Pobre para que se levante e ande. Mas também Ele (como filho preferido de Deus) nos levanta e nos faz voltar a caminhar, quando fraquejamos.

Semana de 25 de março de 2019 (referência: leituras do domingo 31 de março) Quarto Domingo da Quaresma

Leituras: Jos 5,9a.10-12; 2 Cor 5,17-21; Lc 15,1-3.11-32

"Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi reencontrado".

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Lucas

Naquele tempo, os publicanos e os pecadores aproximavam-se todos de Jesus, para O ouvirem.

Mas os fariseus e os escribas murmuravam entre si, dizendo:

«Este homem acolhe os pecadores e come com eles».

Jesus disse-lhes então a seguinte parábola:

«Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao pai: 'Pai, dá-me a parte da herança que me toca'.

O pai repartiu os bens pelos filhos. Alguns dias depois, o filho mais novo, juntando todos os seus haveres, partiu para um país distante e por lá esbanjou quanto possuía, numa vida dissoluta.

Tendo gasto tudo, houve uma grande fome naquela região e ele começou a passar privações.

Entrou então ao serviço de um dos habitantes daquela terra, que o mandou para os seus campos guardar porcos.

Bem desejava ele matar a fome com as alfarobas que os porcos comiam, mas ninguém lhas dava.

Então, caindo em si, disse: 'Quantos trabalhadores de meu pai têm pão em abundância, e eu aqui a morrer de fome! Vou-me embora, vou ter com meu pai e dizer-lhe:

Pai, pequei contra o Céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho,

mas trata-me como um dos teus trabalhadores'.

Pôs-se a caminho e foi ter com o pai. Ainda ele estava longe, quando o pai o viu:

encheu-se de compaixão e correu a lançar-se-lhe ao pescoço, cobrindo-o de beijos.

Disse-lhe o filho: 'Pai, pequei contra o Céu e contra ti. Já não mereço ser chamado teu filho'.

Mas o pai disse aos servos: 'Trazei depressa a melhor túnica e vesti-lha.

Ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés. Trazei o vitelo gordo e matai-o.

Comamos e festejemos, porque este meu filho estava morto e voltou à vida,

estava perdido e foi reencontrado'. E começou a festa.

Ora o filho mais velho estava no campo. Quando regressou, ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças.

Chamou um dos servos e perguntou-lhe o que era aquilo. O servo respondeu-lhe: 'O teu irmão voltou e teu pai mandou matar o vitelo gordo,

porque ele chegou são e salvo'.

Ele ficou ressentido e não queria entrar. Então o pai veio cá fora instar com ele.

Mas ele respondeu ao pai: 'Há tantos anos que eu te sirvo, sem nunca transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito para fazer uma festa com os meus amigos.

E agora, quando chegou esse teu filho, que consumiu os teus bens com mulheres de má vida, mataste-lhe o vitelo gordo'.

Disse-lhe o pai: 'Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu.

Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi reencontrado'.

Reflexão vicentina

Neste quarto domingo da Quaresma, Jesus nos apresenta a famosa "Parábola do Filho Pródigo". Em conjunto com as outras leituras do dia, a parábola nos apresenta três mensagens muito importantes para a vida do vicentino e que estão ligadas aos seus três personagens principais: o filho pródigo, o filho fiel e o pai.

Primeiramente, **temos que aceitar que todos somos um pouco "filhos pródigos"**. Quantas vezes nos afastamos de Deus? Quantas vezes gastamos nossos recursos (muitos ou poucos) de forma errada, sem nos preocupar com os mais pobres ou com o nosso próprio futuro? Quantas vezes nos arrependemos e voltamos a Deus, pedindo que tenha misericórdia de nós? Estes três comportamentos são normais em nossa vida, porque somos humanos.

Ser vicentino nos ajuda a nos livrar do mau uso de nossos bens, porque conhecemos de perto as dificuldades que têm os Pobres para ganhar seu pão e para ter acesso aos serviços sociais básicos. Ser vicentino também nos faz exercitar a virtude do zelo pelos recursos dos outros que são confiados a nós. O pai havia aceitado antecipar a entrega da herança ao filho, com a confiança de que ele não só saberia gastá-la, como também saberia multiplicá-la com o seu trabalho. O vicentino sabe que o que distribuímos aos Pobres é recurso que os outros (ou nós) deixam de gastar consigo mesmos, para fazer a caridade e, portanto, temos que ser muito justos e transparentes no uso deste recurso. Finalmente, ser vicentino também é fazer o que São Paulo nos pede na Carta aos Coríntios: "reconciliai-vos com Deus". Como conhecemos profundamente as fraquezas e a pobreza de nossos assistidos, também reconhecemos as nossas e, quando caímos, humildemente nos voltamos novamente a Deus.

Em segundo lugar, **também muitas vezes somos o filho fiel.** Quantas vezes fazemos a vontade de Deus assistindo o Pobre? Quantas vezes nos oferecemos em uma relação íntima com Deus, sempre tentando fazer a Sua vontade no meio em que vivemos? Também, quantas vezes, em nossas decepções, voltamos a Deus a nossa tristeza e Lhe perguntamos "por quê isto aconteceu comigo, por quê sofremos ou sofrem os nossos amados?" Iguualmente, é perfeitamente natural que sejamos francos com Deus e coloquemos em Suas mãos as nossas decepções.

Ser vicentino nos ajuda a nos levantarmos das quedas das decepções, porque sabemos que o Pobre as sofre o tempo todo, em seu trabalho, em seu meio social, com sua família e com seus amigos. A intimidade que temos com Deus no Pobre nos dá o direito de ser francos com Deus, segurar em Sua mão e expressar nossa tristeza com nosso sofrimento ou o sofrimento dos nossos queridos.

Finalmente, **nossa essência é buscar ser o pai bondoso,** dos dois filhos (o pródigo e o fiel). Quantas vezes amamos nossos próprios filhos ou irmãos a ponto de, em nome de Deus, perdoá-los ou porque nos decepcionam ou porque exigem demais de nós? Quantas vezes amamos nossos assistidos, mesmo que eles não saibam utilizar bem (ou agradecer) os recursos que lhes damos?

Ser vicentino é doar sempre, é perdoar sempre, é festejar sempre a reconciliação, é compreender o lado do outro sem-

pre. Deus nos dá a oportunidade de, em nossa missão, ser este pai de amor que Ele mesmo nos ensina a ser pelo Seu exemplo.

Semana de 1 de abril de 2019 (referência: leituras do domingo 7 de abril)

Quinto Domingo da Quaresma

Leituras: Is 43,16-21; Filip 3,8-14; Jo 8,1-11

“Ninguém te condenou? (...) Nem Eu te condeno. Vai e não tornes a pecar.”

EVANGELHO – Jo 8,1-11

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João Naquele tempo,

Jesus foi para o Monte das Oliveiras.

Mas de manhã cedo, apareceu outra vez no templo, e todo o povo se aproximou d'Ele.

Então sentou-Se e começou a ensinar.

Os escribas e os fariseus apresentaram a Jesus

uma mulher surpreendida em adultério,

colocaram-na no meio dos presentes e disseram a Jesus:

«Mestre, esta mulher foi surpreendida em flagrante adultério.

Na Lei, Moisés mandou-nos apedrejar tais mulheres.

Tu que dizes?».

Falavam assim para Lhe armarem uma cilada

e terem pretexto para O acusar.

Mas Jesus inclinou-Se

e começou a escrever com o dedo no chão.

Como persistiam em interrogá-l'O,

ergueu-Se e disse-lhes:

«Quem de entre vós estiver sem pecado atire a primeira pedra».

Inclinou-Se novamente e continuou a escrever no chão.

Eles, porém, quando ouviram tais palavras,

foram saindo um após outro, a começar pelos mais velhos, e ficou só Jesus e a mulher, que estava no meio.

Jesus ergueu-Se e disse-lhe:

«Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?».

Ela respondeu:

«Ninguém, Senhor».

Disse então Jesus:

«Nem Eu te condeno.

Vai e não tornes a pecar».

Reflexão vicentina

Neste quinto domingo da Quaresma, período de reflexão e penitência, o Senhor nos convida a pensar sobre o que significa o desapego e a esperança. As leituras do domingo têm um conteúdo muito associado à virtude vicentina da mortificação. As leituras nos fornecem pelo menos três argumentos: primeiro, não se deve viver no passado; segundo, não devemos perder o tempo presente com coisas irrelevantes; e, terceiro, o que conta é o caminho para o encontro com Deus, na esperança.

Antes de mais nada, gostaria de mencionar o que São Vicente definia como virtude da mortificação. Apesar de parecer um termo um pouco mórbido e negativo, Vicente tinha uma visão muito positiva para esta virtude, porque ela nos permite que nos libertemos das coisas do mundo e sejamos felizes. Para ele, mortificação está ligada à indiferença e a submeter a paixão à razão. De forma prática, significa que não devemos nos sentir mártires, quando nos decepcionamos com o mundo, nem tampouco devemos nos deixar levar pelo exagero da valorização das coisas ou das opiniões dos outros. Sobre este assunto, um dia Vicente disse: “É uma regra geral que todas as pessoas boas serão perseguidas” (assim como foi o maior de todos os exemplos de mortificação, o próprio Cristo).

As leituras nos dizem que não devemos viver no passado. Na leitura do antigo testamento, o profeta Isaías insiste que não devemos sofrer com o passado: “não vos lembreis mais dos acontecimentos passados, não presteis atenção

às coisas antigas”. O mesmo diz São Paulo aos Filipenses. Como vicentinos, não devemos nos preocupar nem com os pecados, nem com os erros que fizemos no passado. A misericórdia de Deus nos permite ser perdoados sempre e faz corrigir os planos que não executamos bem, porque nos mede pela nossa intenção e não pelos nossos resultados.

As leituras nos motivam a não perder tempo com coisas irrelevantes. Jesus nos convida a não perder tempo julgando e “jogando pedra” nos outros, porque também nós somos frágeis. São Paulo é um pouco mais rude e vai direto ao assunto, chamando as coisas mundanas de “lixo”: “por Ele (Cristo) renunciei a todas as coisas e considerei tudo como lixo, para ganhar a Cristo e n'Ele me encontrar”. Não é por outra razão que o próprio Ozanam nos motiva, como vicentinos a não perder tempo com coisas que não nos ajudam na missão de evangelizar o Pobre. Ele nos diz: “não temos duas vidas, uma para aprender sobre a verdade e outra para transmiti-la”.

Finalmente, **as leituras nos mostram que o único caminho a seguir é aquele em que se caminha na esperança,** ou seja, na direção do encontro com o Senhor, seja nesta vida ou na vida eterna. Jesus diz à mulher pecadora: “mulher, ninguém te condenou? (...) nem Eu te condeno; vai e não tornes a pecar”. E ela passou a seguir Jesus. Paulo se intitula o “atleta de Jesus” e nos diz na Carta aos Filipenses: “só penso numa coisa: esquecendo o que fica para trás, lançar-me para a frente, continuar a correr para a meta, em vista do prêmio a que Deus, lá do alto, me chama em Cristo Jesus”.

Nossa vocação vicentina, portanto, é baseada em esquecermos o que não foi tão bem no passado, viver as coisas que são importantes para o serviço ao Pobre no presente e caminhar, ou melhor, correr, na única direção da esperança, o encontro com o Cristo.

Semana de 8 de abril de 2019 (referência: leituras do domingo 14 de abril)
Domingo de Ramos

Leituras: Is 50,4-7; Filip 2,6-11; Lc 23,1-49

“Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito”.

N Quando chegou a hora,

Jesus sentou-Se à mesa com os seus Apóstolos

e disse-lhes:

J «Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa,

antes de padecer;

pois digo-vos que não tomarei a comê-la, até que se realize plenamente no reino de Deus».

N Então, tomando um cálice, deu graças e disse:

J «Tomai e reparti entre vós,

pois digo-vos que não tomarei a beber do fruto da videira, até que venha o reino de Deus».

N Depois tomou o pão e, dando graças,

partiu-o e deu-lho, dizendo:

J «Isto é o meu corpo entregue por vós.

Fazei isto em memória de Mim».

N No fim da ceia, fez o mesmo com o cálice, dizendo:

J «Este cálice é a nova aliança no meu Sangue,

derramado por vós.

Entretanto, está comigo à mesa

a mão daquele que Me vai entregar.

O Filho do homem vai partir, como está determinado.

Mas aí daquele por quem Ele vai ser entregue!»

N Começaram então a perguntar uns aos outros

qual deles iria fazer semelhante coisa.

Levantou-se também entre eles uma questão:

qual deles se devia considerar o maior?

Disse-lhes Jesus:

J «Os reis das nações exercem domínio sobre elas

e os que têm sobre elas autoridade são chamados malfetores.

Vós não deveis proceder desse modo.

O maior entre vós seja como o menor

e aquele que manda seja quem serve.

Pois quem é o maior: o que está à mesa ou o que serve?

Não é o que está à mesa?

Ora Eu estou no meio de vós como aquele que serve.

Vós estivestes sempre comigo nas minhas provações.

E Eu preparo para vós um reino,

como meu Pai o preparou para Mim:

comereis e bebereis à minha mesa, no meu reino,

e sentar-vos-eis em tronos,

a julgar as doze tribos de Israel.

Simão, Simão, Satanás vos reclamou

para vos agitar na joeira como trigo.

Mas Eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça.

E tu, uma vez convertido, fortalece os teus irmãos».

N Pedro respondeu-Lhe:

R «Senhor, eu estou pronto a ir contigo,

até para a prisão e para a morte».

N Disse-lhe Jesus:

J «Eu te digo, Pedro: não cantará hoje o galo, sem que tu, por três vezes, negues conhecer-Me».

N Depois acrescentou:

J «Quando vos enviarei sem bolsa nem alforge nem sandálias, faltou-vos alguma coisa?».

N Eles responderam que não lhes faltara nada.

Disse-lhes Jesus:

J «Mas agora, quem tiver uma bolsa pegue nela,

bem como no alforge;

e quem não tiver espada venda a capa e compre uma.

Porque Eu vos digo

que se deve cumprir em Mim o que está escrito:

'Foi contado entre os malfetores'.

Na verdade, o que Me diz respeito está a chegar ao fim».

N Eles disseram:

R «Senhor, estão aqui duas espadas».

N Mas Jesus respondeu:

J «Basta».

N Então saiu

e foi, como de costume, para o Monte das Oliveiras

e os discípulos acompanharam-n'O.

Quando chegou ao local, disse-lhes:

J «Orai, para não entrardes em tentação».

N Depois afastou-Se deles cerca de um tiro de pedra

e, pondo-Se de joelhos, começou a orar, dizendo:

J «Pai, se quiseres, afasta de Mim este cálice.

Todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua».

N Então apareceu-Lhe um Anjo, vindo do Céu, para O confortar.

Entrando em angústia, orava mais instantemente

e o suor tomou-se-Lhe como grossas gotas de sangue,

que caíam na terra.

Depois de ter orado,

levantou-Se e foi ter com os discípulos,

que encontrou dormindo, por causa da tristeza.

Disse-lhes Jesus:

J «Porque estais dormindo?

Levantai-vos e orai, para não entrardes em tentação».

N Ainda Ele estava falando,

quando apareceu uma multidão de gente.

O chamado Judas, um dos Doze, vinha à sua frente

e aproximou-se de Jesus, para O beijar.

Disse-lhe Jesus:

J «Judas, é com um beijo que entregas o Filho do homem?»

N Ao verem o que ia suceder,

os que estavam com Jesus perguntaram-Lhe:

R «Senhor, vamos feri-los à espada?»

N E um deles feriu o servo do sumo sacerdote,

cortando-lhe a orelha direita.

Mas Jesus interveio, dizendo:

J «Basta! Deixai-os».

N E, tocando na orelha do homem, curou-o.

Disse então Jesus aos que tinham vindo ao seu encontro,

príncipes dos sacerdotes, oficiais do templo e anciãos:

J «Vós saistes com espadas e varrapaus,

como se viésseis ao encontro dum salteador.

Eu estava todos os dias convosco no templo

e não Me pusestes as mãos.
 Mas esta é a vossa hora e o poder das trevas.
 N Apoderaram-se então de Jesus,
 levaram-No e introduziram-No em casa do sumo sacerdote.
 Pedro seguia-os de longe.
 Acenderam uma fogueira no meio do pátio,
 sentaram-se em volta dela
 e Pedro foi sentar-se no meio deles.
 Ao vê-lo sentado ao lume,
 uma criada, fitando os olhos nele, disse:
 R «Este homem também andava com Jesus».
 N Mas Pedro negou:
 R «Não O conheço, mulher».
 N Pouco depois, disse outro, ao vê-lo:
 R «Tu também és um deles».
 N Mas Pedro disse:
 R «Homem, não sou».
 N Passada mais ou menos uma hora,
 afirmava outro com insistência:
 R «Esse homem, com certeza, também andava com Jesus,
 pois até é galileu».
 N Pedro respondeu:
 R «Homem, não sei o que dizes».
 N Nesse instante – ainda ele falava – um galo cantou.
 O Senhor voltou-Se e fitou os olhos em Pedro.
 Então Pedro lembrou-se da palavra do Senhor,
 quando lhe disse:
 'Antes do galo cantar, Me negarás três vezes'.
 E, saindo para fora, chorou amargamente.
 Entretanto, os homens que guardavam Jesus
 troçavam d'Ele e maltratavam-n'O.
 Cobrindo-Lhe o rosto, perguntavam-Lhe:
 R «Adivinha, profeta: Quem te bateu?»
 N E dirigiam-Lhe muitos outros insultos.
 Ao romper do dia,
 reuniu-se o conselho dos anciãos do povo,
 os príncipes dos sacerdotes e os escribas.
 Levaram-n'O ao seu tribunal e disseram-Lhe:
 R «Diz-nos se Tu és o Messias».
 N Jesus respondeu-lhes:
 J «Se Eu vos disser, não acreditareis
 e, se fizer alguma pergunta, não respondereis.
 Mas o Filho do homem sentar-Se-á doravante
 à direita do poder de Deus».
 N Disseram todos:
 R «Tu és então o Filho de Deus?»
 N Jesus respondeu-lhes:
 J «Vós mesmos dizeis que Eu sou».
 N Então exclamaram:
 R «Que necessidade temos ainda de testemunhas?
 Nós próprios o ouvimos da sua boca».
 N Levantaram-se todos e levaram Jesus a Pilatos.
 N Começaram a acusá-l'O, dizendo:
 R «Encontramos este homem a sublevar o nosso povo,
 a impedir que se pagasse o tributo a César
 e dizendo ser o Messias-Rei».
 N Pilatos perguntou-Lhe:
 R «Tu és o Rei dos judeus?»
 N Jesus respondeu-lhe:
 J «Tu o dizes».
 N Pilatos disse aos príncipes dos sacerdotes e à multidão:
 R «Não encontro nada de culpável neste homem».
 N Mas eles insistiam:
 R «Amotina o povo, ensinando por toda a Judeia,
 desde a Galiléia, onde começou, até aqui».
 N Ao ouvir isto, Pilatos perguntou se o homem era galileu;
 e, ao saber que era da jurisdição de Herodes,
 enviou-O a Herodes,
 que também estava nesses dias em Jerusalém.
 Ao ver Jesus, Herodes ficou muito satisfeito.
 Havia bastante tempo que O queria ver,
 pelo que ouvia dizer d'Ele,
 e esperava que fizesse algum milagre na sua presença.
 Fez-Lhe muitas perguntas, mas Ele nada respondeu.
 Os príncipes dos sacerdotes e os escribas que lá estavam

acusavam-n'O com insistência.
 Herodes, com os seus oficiais, tratou-O com desprezo
 e, por troça, mandou-O cobrir com um manto magnífico
 e remeteu-O a Pilatos.
 Herodes e Pilatos, que eram inimigos,
 ficaram amigos nesse dia.
 Pilatos convocou os príncipes dos sacerdotes,
 os chefes e o povo, e disse-lhes:
 R «Trouxestes este homem à minha presença
 como agitador do povo.
 Interroguei-O diante de vós
 e não encontrei n'Ele nenhum dos crimes de que O acusais.
 Herodes também não, uma vez que no-l'O mandou de novo.
 Como vedes, não praticou nada que mereça a morte.
 Vou, portanto, soltá-l'O, depois de O mandar castigar».
 N Pilatos tinha obrigação de lhes soltar um preso
 por ocasião da festa.
 E todos se puseram a gritar:
 R «Mata Esse e solta-nos Barrabás».
 N Barrabás tinha sido metido na cadeia
 por causa de uma insurreição desencadeada na cidade
 e por assassinio.
 De novo Pilatos lhes dirigiu a palavra,
 querendo libertar Jesus.
 Mas eles gritavam:
 R «Crucifica-O! Crucifica-O!»
 N Pilatos falou-lhes pela terceira vez:
 R Mas que mal fez este homem?
 Não encontrei n'Ele nenhum motivo de morte.
 Por isso vou soltá-l'O, depois de O mandar castigar».
 N Mas eles continuavam a gritar,
 pedindo que fosse crucificado,
 e os seus clamores aumentavam de violência.
 Então Pilatos decidiu fazer o que eles pediam:
 soltou aquele que fora metido na cadeia
 por insurreição e assassinio,
 como eles reclamavam,
 e entregou-lhes Jesus para o que eles queriam.
 N Quando o conduziam,
 lançaram mão de um certo Simão de Cirene,
 que vinha do campo,
 e puseram-lhe a cruz às costas,
 para a levar atrás de Jesus.
 Seguiu-O grande multidão de povo
 e mulheres que batiam no peito
 e se lamentavam, chorando por Ele.
 Mas Jesus voltou-Se para elas e disse-lhes:
 J «Filhas de Jerusalém, não choreis por Mim;
 chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos;
 pois dias virão em que se dirá:
 'Felizes as estéréis, os ventres que não geraram
 e os peitos que não amamentaram'.
 Começarão a dizer aos montes: 'Caí sobre nós';
 e às colinas: 'Cobri-nos'.
 Porque, se tratam assim a madeira verde,
 que acontecerá à seca?».
 N Levavam ainda dois malfeteiros
 para serem executados com Jesus.
 Quando chegaram ao lugar chamado Calvário,
 crucificaram-n'O a Ele e aos malfeteiros,
 Jesus à direita e outro à esquerda.
 Jesus dizia:
 J «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem».
 N Depois deitaram sortes,
 para repartirem entre si as vestes de Jesus.
 O povo permanecia ali a observar.
 Por sua vez, os chefes zombavam e diziam:
 R «Salvou os outros: salve-Se a Si mesmo,
 se é o Messias de Deus, o Eleito».
 N Também os soldados troçavam d'Ele;
 aproximando-se para Lhe oferecerem vinagre, diziam:
 R «Se és o Rei dos judeus, salva-Te a Ti mesmo».
 N Por cima d'Ele havia um leitreiro:
 «Este é o rei dos judeus».
 Entretanto, um dos malfeteiros que tinham sido crucificados

insultava-O, dizendo:
 R «Não és Tu o Messias?
 Salva-Te a Ti mesmo e a nós também».
 N Mas o outro, tomando a palavra, repreendeu-o:
 R «Não temes a Deus,
 tu que sofres o mesmo suplício?
 Quanto a nós, fez-se justiça,
 pois recebemos o castigo das nossas más acções.
 Mas Ele nada praticou de condenável».
 N E acrescentou:
 R «Jesus, lembra-Te de mim,
 quando vieres com a tua realeza».
 N Jesus respondeu-lhe:
 J «Em verdade te digo: Hoje estarás comigo no Paraíso».
 N Era já quase meio-dia,
 quando as trevas cobriram toda a terra,
 até às três horas da tarde,
 porque o sol se tinha eclipsado.
 O véu do templo rasgou-se ao meio.
 E Jesus exclamou com voz forte:
 J «Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito».
 N Dito isto, expirou.
 N Vendo o que sucedera,
 o centurião deu glória a Deus, dizendo:
 R «Realmente este homem era justo».
 N E toda a multidão que tinha assistido àquele espectáculo,
 ao ver o que se passava, regressava batendo no peito.
 Todos os conhecidos de Jesus,
 bem como as mulheres que O acompanhavam
 desde a Galiléia,
 mantinham-se à distância, observando estas coisas.
 N Havia um homem chamado José, da cidade de Arimateia,
 que era pessoa recta e justa e esperava o reino de Deus.
 Era membro do Sinédrio, mas não tinha concordado
 com a decisão e o proceder dos outros.
 Foi ter com Pilatos e pediu-lhe o corpo de Jesus.
 E depois de o ter descido da cruz,
 envolveu-o num lençol
 e depositou-o num sepulcro escavado na rocha,
 onde ninguém ainda tinha sido sepultado.
 Era o dia da Preparação
 e começavam a aparecer as luzes do sábado.
 Entretanto,
 as mulheres que tinham vindo com Jesus da Galiléia
 acompanharam José e observaram o sepulcro
 e a maneira como fora depositado o corpo de Jesus.
 No regresso, prepararam aromas e perfumes.
 E no sábado guardaram o descanso, conforme o preceito.

Reflexão vicentina

As leituras do Domingo de Ramos resumem o mistério da Paixão e Morte de Jesus. O Deus que havia se feito carne (se encarnado) pela Virgem Maria agoniza e sofre. Podemos dizer que houve na história outras pessoas que sofreram tanto quanto Jesus. A diferença é que Ele era Deus e não precisava se fazer homem e sofrer como sofreu. A diferença, portanto, é o oferecimento do sofrimento do Rei do Universo por nós, por nossos pecados e para que O sigamos na fé, na esperança e na caridade.

Para os vicentinos, a Paixão e Morte de Jesus tem o sentido da doação. Quando deixamos de lado o nosso natural comodismo para ir ao encontro do Pobre, estamos partilhando um pouco do sofrimento de Cristo, porque fazemos em nome Dele. Nosso sacrifício pode ser pequeno (apenas uma visita a uns quilômetros de nossa casa) ou pode ser imenso (como o caso dos vicentinos mártires de Ruanda que na guerra civil de 1995 se negaram a deixar de servir os tutsis e hutus igualmente e foram martirizados). O tamanho do sacrifício não importa. A diferença está em fazer dele uma doação ao Pobre. Quando saímos de nossa casa para a visita, é como se, misticamente, estivéssemos experimentando a encarnação de Jesus, porque estamos deixando um pouco de nós mesmos na casa do Pobre.

Para os vicentinos, a Paixão e Morte de Jesus tem o sentido do conforto. Cristo foi abandonado pelos seus melhores

amigos, foi traído pelo seu discípulo, foi flagelado pelos que haviam escutado a sua pregação e foi humilhado por todos. Às vezes, como vicentinos, sofreremos muitas injustiças, em particular, quando exatamente lutamos pela justiça. Às vezes somos um pouco traídos pelos mesmos Pobres que servimos, porque Eles nos enganam. E ninguém vem ao nosso encontro para nos consolar, em particular quando somos bons e mal compreendidos. Que bom quando isso acontece! Estamos compartilhando um pouco do que foi a flagelação de Cristo: o consolo vem da própria cruz que compartilhamos. Essa é uma experiência única e extraordinária: ser confortado no sofrimento do serviço por Aquele que mais sofreu por nós!

Finalmente, **para os vicentinos, a Paixão e Morte de Jesus tem o sentido da esperança.** Quando Jesus morreu na cruz, os discípulos se sentiram abandonados. Parece que tudo parou aí e o sentido da caminhada com Ele se desfez naqueles três dias de flagelo, morte e vazio. Era preciso que eles passassem por este sentimento, para que a ressurreição fizesse sentido, para que o vazio se transformasse em plenitude e o desespero se transformasse em esperança. A mística da vocação vicentina é a esperança. Esperança de que o que fazemos nos faz merecedores da santidade em Cristo. Não se trata de um acordo de troca (a felicidade pelo sacrifício do serviço)! Trata-se da esperança de estar já aqui na vida terrena mais perto do Cristo, rezando com Ele no Monte das Oliveiras, humilhando-se com Ele na prisão como se fosse um marginal, sangrando com Ele na flagelação, carregando com Ele a cruz, morrendo com Ele na cruz que carregou e, finalmente, ressuscitando com Ele para a glória de Deus Pai.

Semana de 15 de abril de 2019 (referência: leituras do domingo 21 de abril)

Domingo de Páscoa – Ressurreição do Senhor
Leituras: At 10,34.37-43; Col 3,1-4; Jo 20,1-9

“Se ressuscitastes com Cristo, aspiraí às coisas do alto, onde está Cristo, sentado à direita de Deus”.

EVANGELHO – Jo 20,1-9

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João
No primeiro dia da semana, Maria Madalena foi de manhãzinha, ainda escuro, ao sepulcro e viu a pedra retirada do sepulcro. Correu então e foi ter com Simão Pedro e com o discípulo predilecto de Jesus e disse-lhes:

«Levaram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde O puseram». Pedro partiu com o outro discípulo e foram ambos ao sepulcro.

Corriam os dois juntos, mas o outro discípulo antecipou-se, correndo mais depressa do que Pedro, e chegou primeiro ao sepulcro.

Debruçando-se, viu as ligaduras no chão, mas não entrou. Entretanto, chegou também Simão Pedro, que o seguira. Entrou no sepulcro

e viu as ligaduras no chão e o sudário que tinha estado sobre a cabeça de Jesus, não com as ligaduras, mas enrolado à parte.

Entrou também o outro discípulo que chegara primeiro ao sepulcro: viu e acreditou.

Na verdade, ainda não tinham entendido a Escritura, segundo a qual Jesus devia ressuscitar dos mortos. Reflexão vicentina

A celebração da Páscoa nos oferece a reflexão sobre as quatro fases que nós passamos quando lidamos com a experiência da ressurreição: o vazio, o espanto, a transformação e a missão.

Os discípulos sentiram o vazio e a decepção com a morte de Jesus. Depois da morte de Jesus, os discípulos se sentiram sós, abandonados, decepcionados. Não haviam compreendido as palavras de Jesus sobre a necessidade de Sua morte.

Como vicentinos, muitas vezes nos sentimos sós, abandona-

dos, decepcionados com o “fracasso” de nossos planos e ações para melhorar a vida dos Pobres e para trazer mais justiça ao mundo. Ninguém nos compreende e, mais do que isso, muitos nos criticam, por “seguir o Mestre”. O sentimento da morte é necessário para crer na ressurreição. Se não existisse a morte, não haveria ressurreição!

No início, os discípulos não acreditaram completamente na ressurreição, tinham dúvidas. O discípulo que chegou primeiro ao túmulo de Jesus ficou com medo. Maria Madalena pensou que haviam “tirado o Senhor do túmulo e ela não sabia aonde O tinham posto”. Pedro e o outro discípulo acreditaram mas não entenderam de início.

Como vicentinos, muitas vezes não acreditamos firmemente na presença de Cristo em tudo o que fazemos. Parece que Ele nos abandona às vezes. Quando temos uma fé firme, às vezes não entendemos o que passa conosco ou com os Pobres. Uma das grandes virtudes da morte e ressurreição de Cristo é exatamente o fato de nos sentirmos humanos. Nossa natureza humana não nos permite acreditar ou entender.

Acreditar na ressurreição nos transforma: passamos a nos deixar guiar pelo Espírito Santo. Quando o apóstolos receberam (ou perceberam) a presença do Espírito Santo, passaram a entender e acreditar no mistério da morte e ressurreição do Mestre.

Como vicentinos, colocamos o Espírito Santo no centro de nossa vida e de nossa missão. Amar os Pobres, muitos fazem. A diferença de nossa vocação é que amamos a Deus no Pobre e, portanto, este amor sem limites e interesses permite a santificação conjunta dos Pobres conosco.

A descoberta do Espírito Santo em nós faz-nos missionários e evangelizadores. Pedro saiu a pregar sem medo, depois de reconhecer o Espírito Santo. Aquele que tinha fazia pouco tempo negado três vezes que conhecia Jesus passou a guiar-se pela coragem de dizer “nós somos testemunhas de tudo o que Ele fez”. Que mudança!

Como vicentinos, sabemos que a visita ao assistido é a essência de nossa vocação, mas ela deve ser completada pela pregação e a vivência da justiça. Somos os porta-vozes do Evangelho do amor aos Pobres. Somos a Sua voz, os seus testemunhos e os seus servidores. Deus não nos decepcionou com a morte de Jesus; Ele nos presenteou com a Sua ressurreição e com a presença viva do Espírito Santo. Não podemos decepcionar a Deus deixando de seguir como missionários, os passos no Evangelho da justiça.

Semana de 22 de abril de 2019 (referência: leituras do domingo 28 de abril)

Segundo Domingo (Oitava) de Pascoa – Domingo da Divina Misericórdia
Leituras: At 5,12-16; Ap 1,9-11a.12-13.17-19; Jo 20,19-31

«A paz esteja convosco. Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós».

EVANGELHO – Jo 20,19-31

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João
Na tarde daquele dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas da casa onde os discípulos se encontravam, com medo dos judeus, veio Jesus, colocou-Se no meio deles e disse-lhes:

«A paz esteja convosco».

Dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado.

Os discípulos ficaram cheios de alegria ao verem o Senhor.

Jesus disse-lhes de novo:

«A paz esteja convosco».

Assim como o Pai Me enviou, também Eu vos envio a vós».

Dito isto, soprou sobre eles e disse-lhes:

«Recebei o Espírito Santo:

àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhe-ão perdoados; e àqueles a quem os retiverdes serão retidos».

Tomé, um dos Doze, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus.

Disseram-lhe os outros discípulos:

«Vimos o Senhor».

Mas ele respondeu-lhes:

«Se não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, se não meter o dedo no lugar dos cravos e a mão na seu lado, não acreditarei».

Oito dias depois, estavam os discípulos outra vez em casa e Tomé com eles.

Veio Jesus, estando as portas fechadas, apresentou-Se no meio deles e disse:

«A paz esteja convosco».

Depois disse a Tomé:

«Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; aproxima a tua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente».

Tomé respondeu-Lhe:

«Meu Senhor e meu Deus!»

Disse-lhe Jesus:

«Porque Me viste acreditaste: felizes os que acreditam sem terem visto».

Muitos outros milagres fez Jesus na presença dos seus discípulos,

que não estão escritos neste livro.

Estes, porém, foram escritos para acreditardes que Jesus é o Messias, o Filho de Deus, e para que, acreditando, tenhais a vida em seu nome.

Reflexão vicentina

As leituras deste Segundo Domingo da Páscoa nos contam como se formou a comunidade da Igreja de Cristo, os seus primeiros tempos. Ela foi formada fundamentalmente pela presença do Espírito Santo. E ela foi formada no ambiente da conversão. E ela foi formada pelo poder que os discípulos passaram a ter de fazer milagres em nome de Jesus.

A comunidade eclesial (da Igreja) foi formada em torno ao Espírito Santo. O sopro do Espírito Santo, dado por Jesus foi o que converteu e transformou os apóstolos de forma individual. Mas também foi o que criou o sentido de comunidade missionária de fé. Pelo Espírito Santo, os apóstolos passaram a entender o mistério da vida, morte e ressurreição de Cristo. A partir deste sopro de vida, os apóstolos deixaram de ter medo de pregar: “(não temas; Eu sou o Primeiro e o Último, o que vive”.

Como vicentinos, formamos uma comunidade também centrada no Espírito Santo. Desde a primeira Conferência Vicentina, colocamos a nossa conversão pessoal e o nosso crescimento como comunidades missionárias de fé nas mãos do Espírito Santo. Ele nos empurra ao serviço dos Pobres e à evangelização da justiça, sem medo das consequências.

A Igreja foi formada pela conversão dos que viram a Cristo, mas mais importante, pelos que não viram. Tomé não tinha estado com Jesus na primeira vez que Ele entrou na “casa onde os discípulos se encontravam”. Não tinha visto como Jesus pode entrar em um lugar cujas portas estavam trancadas. Jesus chega para destrancar os corações dos apóstolos. Tomé abre o coração e se converte: “meu Senhor e meu Deus!”, ele disse. Diante da conversão de Tomé, Jesus dá a nós a mensagem direta: “porque Me viste acreditaste: felizes os que acreditam sem terem visto”.

Como vicentinos, às vezes somos como Tomé, mas nos convertemos por “ver e sentir o Cristo no Pobre”. A entrada na casa do Pobre “destranca nossos corações”, transforma-nos, converte-nos. Já não precisamos ter medo, porque o próprio Cristo, na pessoa do Pobre, abre nossa mente e nosso espírito para servi-Lo na pessoa do Pobre.

A primeira comunidade eclesial fazia milagres, transformando a vida das pessoas. Depois da vinda do Espírito Santo, os apóstolos, simples pescadores, sem estudo, sem poder, sem status social, passam a ser capazes de dar vida! E esta vida é dada de duas formas: pela cura e pela palavra.

Como vicentinos, fazemos pequenos milagres na vida dos Pobres. Às vezes não nos damos conta dos pequenos (ou grandes) milagres que fazemos na vida de cada um de nossos assistidos, dando-lhes vida. E esta vida vem também de duas formas: através do pão e através da presença. O pão, a saúde, a educação e a moradia causam transformações milagrosas na vida dos nos-

sos assistidos, como pessoas e como famílias. Mas é a nossa presença e a nossa palavra que realmente transforma, dando ao Pobre a autoestima de que necessita para levantar e seguir em frente, confiante em Si, pela ação do Espírito Santo.

Semana de 29 de abril de 2019 (referência: leituras do domingo 5 de maio)

Terceiro Domingo de Pascoa

Leituras: Atos 5,27b-32.40b-41; Ap 5,11-14; Jo 21

“Lançai a rede para a direita do barco e encontrareis”.

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João Naquele tempo, Jesus manifestou-Se outra vez aos seus discípulos, junto do mar de Tiberíades. Manifestou-Se deste modo: Estavam juntos Simão Pedro e Tomé, chamado Dídimo, Natanael, que era de Caná da Galileia, os filhos de Zebedeu e mais dois discípulos de Jesus. Disse-lhes Simão Pedro: «Vou pescar». Eles responderam-lhe: «Nós vamos contigo». Saíram de casa e subiram para o barco, mas naquela noite não apanharam nada. Ao romper da manhã, Jesus apresentou-Se na margem, mas os discípulos não sabiam que era Ele. Disse-lhes Jesus: «Rapazes, tendes alguma coisa de comer?» Eles responderam: «Não». Disse-lhes Jesus: «Lançai a rede para a direita do barco e encontrareis». Eles lançaram a rede e já mal a podiam arrastar por causa da abundância de peixes. O discípulo predileto de Jesus disse a Pedro: «É o Senhor». Simão Pedro, quando ouviu dizer que era o Senhor, vestiu a túnica que tinha tirado e lançou-se ao mar. Os outros discípulos, que estavam apenas a uns duzentos côvados da margem, vieram no barco, puxando a rede com os peixes. Quando saltaram em terra, viram brasas acesas com peixe em cima, e pão. Disse-lhes Jesus: «Trazei alguns dos peixes que apanhastes agora». Simão Pedro subiu ao barco e puxou a rede para terra, e cheia de cento e cinquenta e três grandes peixes; e, apesar de serem tantos, não se rompeu a rede. Disse-lhes Jesus: «Vinde comer». Nenhum dos discípulos se atrevia a perguntar-Lhe: «Quem és Tu?», porque bem sabiam que era o Senhor. Jesus aproximou-Se, tomou o pão e o deu aos discípulos, fazendo o mesmo com os peixes. Esta foi a terceira vez que Jesus Se manifestou aos seus discípulos, depois de ter ressuscitado dos mortos. Depois de comerem, Jesus perguntou a Simão Pedro: «Simão, filho de João, tu Me amas mais do que estes?» Ele respondeu-Lhe: «Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo». Disse-lhe Jesus: «Apascenta os meus cordeiros». Voltou a perguntar-lhe segunda vez: «Simão, filho de João, tu Me amas?» Ele respondeu-Lhe: «Sim, Senhor, Tu sabes que Te amo». Disse-lhe Jesus: «Apascenta as minhas ovelhas». Perguntou-lhe pela terceira vez: «Simão, filho de João, tu Me amas?» Pedro entristeceu-se por Jesus lhe ter perguntado pela terceira vez se O amava e respondeu-Lhe: «Senhor, Tu sabes tudo, bem sabes que Te amo». Disse-lhe Jesus:

«Apascenta as minhas ovelhas. Em verdade, em verdade te digo: Quando eras mais novo, tu mesmo te cingias e andavas por onde querias; mas quando fores mais velho, estenderás a mão e outro te cingirá e te levará para onde não queres». Jesus disse isto para indicar o género de morte com que Pedro havia de dar glória a Deus. Dito isto, acrescentou: «Segue-Me».

Reflexão vicentina

Neste terceiro domingo da Pascoa, as leituras muito ricas em conteúdo nos dão três mensagens vicentinas. Primeiramente, Jesus nos aparece quando menos esperamos para nos fazer repensar radicalmente a maneira como estamos vivendo. Segundo, Jesus nos dá a oportunidade de escolha do Seu amor. Terceiro, a opção pelo amor de Deus deve ser feita com o sacrifício nas últimas consequências e este sacrifício deve ser motivo de alegria.

Jesus vem de forma inesperada sempre nos pedindo uma conversão criativa e radical. Depois da morte e ressurreição, Jesus já não aparece como era o seu corpo enquanto vivo. Ele havia passado pela porta trancada da sala onde estavam os discípulos e no Evangelho do domingo, aparece irreconhecível no início. Ele aparece no meio do trabalho dos apóstolos (enquanto pescavam) para “multiplicar os peixes” através de uma mudança radical na forma como pescavam. Ele pede que pusessem a rede do outro lado do barco, um pedido um pouco estranho e não compreendido pelos bons pescadores que eram os apóstolos.

São Vicente costumava dizer que “a caridade é inventiva ao infinito”: ele também nos pedia que buscássemos soluções criativas, inovadoras, diferentes, exatamente como pediu Jesus aos discípulos. São Vicente pede aos vicentinos que não se contentem com as obras triviais, mas que sempre busquem algo que não pode ser visto imediatamente, como Jesus não pode ser visto imediatamente pelos apóstolos. Tanto o serviço ao Pobre quanto o nosso trabalho do dia-a-dia, ou a vida familiar devem ser vistos sob esta perspectiva: sempre há uma forma mais inteligente de fazer algo e que não pode ser vista imediatamente.

Jesus é sempre insistente, mas nos dá a oportunidade da escolha por segui-Lo. Ele perguntou a Pedro três vezes se ele O amava (lembramos de que Pedro havia sido perguntado três vezes se conhecia Jesus na noite da flagelação e ele havia negado!). Jesus quer que reflitamos sobre o que estamos fazendo: não vale ser discípulo por inercia ou porque todos os outros são. Ele quer de nós uma opção consciente por Seu amor.

Como vicentinos, às vezes nos entregamos ao comodismo do costume. Visitamos porque estamos acostumados. Vamos à reunião da Conferência porque “está na agenda”. É necessário que saibamos que cada visita, cada reunião de Conferência, cada oportunidade de serviço ao Pobre é uma nova ressurreição, uma nova oportunidade de reconhecer Jesus no outro. **Seguir o amor de Deus é uma opção radical de sacrifício e de alegria.** Os apóstolos ficaram muito felizes na primeira leitura porque foram açoitados pelos judeus: “saíram da presença do Sinédrio cheios de alegria, por terem merecido serem ultrajados por causa do nome de Jesus”.

De fato, como vicentinos, sabemos que servir Jesus é uma opção de sacrifício e de risco. Arriscamos a opinião que os outros têm de nós mesmos e, acima de tudo, de sermos mal compreendidos. É muito mais fácil “seguir a manada” do que fazer a opção radical e constante pela justiça e pelo amor. Só quem faz esta opção sempre e incondicionalmente sabe o que isto significa. É espetacular ser mal entendido e injustiçado pela opção da vida em Cristo: ela nos faz livres e íntimos do Senhor.

Semana de 6 de maio de 2019 (referência: leituras do domingo 12 de maio)

Quarto Domingo de Pascoa – Domingo do Bom Pastor

Leituras: At 13,14.43-52; Ap 7,9.14b-17; Jo 10,27-30

“Ninguém pode arrebatá-la da mão do Pai. Eu e o Pai somos um só.”

EVANGELHO – Jo 10,27-30

Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São João Naquele tempo, disse Jesus: «As minhas ovelhas escutam a minha voz. Eu conheço as minhas ovelhas e elas seguem-Me. Eu dou-lhes a vida eterna e nunca hão-de perecer e ninguém as arrebatará da minha mão. Meu Pai, que Mas deu, é maior do que todos e ninguém pode arrebatá-la da mão do Pai. Eu e o Pai somos um só».

Reflexão vicentina

O quarto Domingo do Tempo Pascal é considerado o “Domingo do Bom Pastor”, pois todos os anos a liturgia propõe um trecho do capítulo 10 do Evangelho segundo João, no qual Jesus é apresentado como Bom Pastor. Para nós vicentinos, este dia tem um sentido duplo, porque muitas vezes somos pastores e outras somos ovelhas, portanto, é necessário aprofundar o sentido desta relação entre o pastor e as suas ovelhas.

Em primeiro lugar, **o Pastor escolhe as suas ovelhas.** Na primeira leitura, Paulo e Barnabé dizem claramente que os gentios foram escolhidos especialmente por Deus para serem evangelizados por eles (que honra!). Os judeus deveriam ser os primeiros a ser evangelizados, mas a maioria deles se negou a “ser ovelhas” dos apóstolos; os Pastores Paulo e Barnabé buscaram um outro rebanho.

Como vicentinos, somos também escolhidos por Deus, porque é Ele que nos dá a graça da nossa vocação. Somos, portanto, Suas ovelhas. Mas somos chamados a ser pastores, como evangelizadores dos Pobres. Nós escolhemos os Pobres que vamos servir e acreditamos firmemente que é o Espírito Santo que Os põe nas nossas mãos e nas nossas Conferências. Desta forma, é como se fôssemos pastores enviados pelo Pastor Supremo, para o serviço às ovelhas preferidas Dele (do Pastor Supremo).

Esta é uma relação mística entre Deus, os Pobres e nós. Jesus diz sobre sua função de Pastor: “Meu Pai, que me deu (as ovelhas), é maior do que todos e ninguém pode arrebatá-la da mão do Pai; Eu e o Pai somos um só”. Esta belíssima relação entre nós e os Pobres faz com que, no final, o Pastor Supremo e nós sejamos um só.

Em segundo lugar, **o Pastor não deixa perder nenhuma das ovelhas;** especialmente protegendo-as do maligno. Jesus diz claramente no Evangelho que Suas ovelhas “nunca hão de perecer e ninguém as arrebatará da Sua mão”.

Se, como vicentinos, somos escolhidos por Deus para ser suas ovelhas e, como vimos, para ser também seus pastores, não devemos ter medo porque Ele sempre vai nos proteger. Mas também, como vicentinos, devemos tratar cada um de nossos assistidos individualmente, como um dom de Deus. Não podemos deixar perder nenhuma destas “ovelhas” a menos que elas mesmas queiram abandonar o “rebanho”. É sublime a mensagem de que o “Dia do Bom Pastor” poderia ser chamado como o “Dia do Bom Vicentino”!

Semana de 13 de maio de 2019 (referência: leituras do domingo 19 de maio)

Quinto Domingo de Pascoa

Leituras: Atos 14,21b-27; Ap 21,1-5ª; Jo 13,31-33a.34-35

“Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros.”

EVANGELHO – Jo 13,31-33a.34-35

Quando Judas saiu do cenáculo, disse Jesus aos seus discípulos: «Agora foi glorificado o Filho do homem e Deus glorificado n'Ele. Se Deus foi glorificado n'Ele,

Deus também O glorificará em Si mesmo e glorificá-Lo-á sem demora.

Meus filhos, é por pouco tempo que ainda estou convosco. Dou-vos um mandamento novo:

que vos ameis uns aos outros. Como Eu vos amei, amai-vos também uns aos outros.

Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros».

Reflexão vicentina

"Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros."

Este é o tema principal das leituras deste domingo. O amor nos faz ser distintos das outras pessoas, simplesmente porque nos faz mais semelhantes a Cristo. Ele disse: "amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei". Às vezes, não nos damos conta da transformação que fazemos em nossa volta, simplesmente por amar... amar tanto que chega a parecer com a forma como o Cristo nos ama.

O amor nos une como comunidade de fé. Jesus deixou este mandamento, como testamento, dizendo: "meus filhos, é por pouco tempo que ainda estou convosco; dou-vos um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros. Como Eu vos amei, amai-vos também uns aos outros". Na realidade, este foi o único mandamento que Jesus deixou para os seus, para que formassem uma comunidade de amor, com a fé de que Ele é o Filho de Deus. Assim fizeram os apóstolos depois da ressurreição de Jesus: todos repartiam o que tinham material e espiritualmente. O "repartir" é a expressão mais sublime do que é o amor, mas a fé transforma o "repartir" na relação íntima com Deus.

O amor nos faz criar uma comunidade diferente do mundo: estamos no mundo, mas não somos do mundo. A comunidade de fé dava claros sinais de que tinha que viver no mundo, trabalhando, evangelizando, casando-se, rezando e vivendo uma vida comum. Mas o que diferenciava os primeiros cristãos é que não eram como os outros que só queriam a salvação material e um rei que viesse a retirar-lhes da pobreza. Os primeiros cristãos viviam exclusivamente para o encontro com o Cristo, no fim dos tempos. Por isso, a morte era uma espécie de passaporte para a vida eterna: eles não consideravam que a morte era o fim.

Como vicentinos, fomos ensinados por São Vicente a viver também assim, muitos séculos depois. São Vicente valorizava a virtude da mortificação, que era o desapego das coisas, não deixando que a emoção seja maior do que a razão. A emoção nos faz apegar às coisas e aos acontecimentos como se fossem o que temos de mais importante. A razão, baseada na fé, nos faz dar a verdadeira dimensão (ou valor) às coisas e aos acontecimentos atuais.

Será que estamos dispostos, como vicentinos, a viver voluntariamente de forma diferente do mundo, desapegados das coisas? Os Pobres são desapegados das coisas não por opção, mas por destino. Viver no amor é viver como os Pobres, sem precisar fazê-lo. Este é o verdadeiro sentido da mortificação vicentina.

Semana de 20 de maio de 2019 (referência: leituras do domingo 26 de maio)

Sexto Domingo de Páscoa

Leituras: Ato 15,1-2.22-29; Ap 21,10-14.22-23; Jo 14,23-29

"Não se perturbe nem se intimide o vosso coração."

EVANGELHO – Jo 14,23-29

Naquele tempo,

disse Jesus aos seus discípulos:

«Quem Me ama guardará a minha palavra e meu Pai o amará; Nós viremos a ele

e faremos nele a nossa morada.

Quem Me não ama não guarda a minha palavra. Ora a palavra que ouvís não é minha,

mas do Pai que Me enviou.

Disse-vos estas coisas, estando ainda convosco. Mas o Paráclito, o Espírito Santo,

que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que Eu vos disse. Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não vo-la dou como a dá o mundo.

Não se perturbe nem se intimide o vosso coração. Ouvistes o que Eu vos disse:

Vou partir, mas voltarei para junto de vós.

Se Me amásseis,

ficaríeis contentes por Eu ir para o Pai, porque o Pai é maior do que Eu.

Disse-vos-lo agora, antes de acontecer,

para que, quando acontecer, acrediteis».

Reflexão vicentina

Este domingo, as leituras preparam a solenidade do próximo domingo: a Ascensão do Senhor. Jesus começa já a preparar os discípulos para a sua partida "definitiva" até que Ele volte no fim dos tempos. Já prevendo que os discípulos ficariam um pouco "perdidos" novamente com a Sua partida (a primeira vez foi na Sua morte), Jesus dá duas recomendações tranquilizadoras. Primeiro: Ele estaria com eles (e conosco) até o fim dos tempos. E, segundo, o Espírito Santo viria para esclarecer o que ficasse pouco claro e para capacitar os discípulos para a missão.

Ele então diz: "não se perturbe nem se intimide o vosso coração. Ouvistes o que Eu vos disse: vou partir, mas voltarei para junto de vós". E acrescenta: "o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que Eu vos disse".

A primeira "tranquilização" apresenta Jesus como Aquele que foi, mas que continua acompanhando no caminho até a Sua volta. Jesus está sempre conosco, mesmo que não nos demos conta. E podemos chama-Lo para que fique mais perto de nós através de nossa oração constante e nossas obras de caridade.

Como vicentinos, sabemos que a oração é um momento de união espiritual, mas real, com Deus. Na oração, não só nos comunicamos com Jesus, como também dizemos a Ele que queremos ficar junto Dele, assumindo nossa natureza humana (cheia de fragilidades), mas também divina (com a fé de que Ele nos fortalece). Sabemos também que a expressão mais bela desta frase de Jesus ("voltarei para junto de vós") é a visita ao assistido. Quando visitamos o Pobre, efetivamente, Jesus vem ao nosso encontro, porque Ele está em todas as pessoas, mas com presença mais forte nos mais necessitados. Não é necessário esperar pelo último dia para perceber a presença de Deus: nós a temos no escondido de nosso quarto (ou do Sacrário) ou na pequena casa do assistido.

A segunda "tranquilização" vem do fato de que o Espírito Santo nos guiará sempre, mesmo que mudem os tempos e os costumes.

Já no começo da vida dos cristãos, houve muita dúvida sobre a crença nos costumes do passado. Muitos das primeiras comunidades da Igreja acreditavam que, para que os pagãos (que não eram judeus) se convertessem ao cristianismo, era necessário se circuncidar. Em outras palavras, era necessário primeiro ser judeu para depois ser cristão. Paulo vem com uma perspectiva muito diferente: o que importa não são os sinais externos, mas o que temos no nosso coração. Portanto, a conversão vem de dentro de nós e não de fora.

Como vicentinos, às vezes nos apegamos muito às regras, aos costumes e nos esquecemos de que o que importa é o que está dentro do coração do assistido e não o que está fora. Ou, o que importa é a intenção do nosso irmão vicentino e não tanto o que falam dele ou os seus resultados. É necessário deixar que o Paráclito, ou seja, o "consolador" (do latim *consolator*; ou do grego *parakletos*) nos guie para que não sejamos muito radicais no julgamento dos Pobres ou dos nossos irmãos. Se nos deixarmos guiar pelo Espírito, certamente, buscaremos o que há de bom tanto no coração do outro, quando em nossa própria mente. Julgar pelo Espírito é construir uma nova relação de santos: nós – que julgamos – e o outro – que é julgado).

Semana de 27 de maio de 2019 (referência: leituras do domingo 2 de junho)

Ascensão do Senhor (Sétimo Domingo de Páscoa)

Leituras: At 1, 1-11; Ef 1,17-23; Lc 24,46-53

"Homens da Galileia, porque estais a olhar para o Céu? Esse Jesus, que do meio de vós foi elevado para o Céu, virá do mesmo modo que O vistes ir para o Céu".

Leitura do Santo Evangelho, segundo São Lucas

Naquele tempo,

disse Jesus aos seus discípulos:

«Está escrito que o Messias havia de sofrer e de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia e que havia de ser pregado em seu nome o arrependimento e o perdão dos pecados a todas as nações, começando por Jerusalém.

Vós sois testemunhas disso.

Eu vos enviarei Aquele que foi prometido por meu Pai. Por isso, permaneci na cidade,

até que seja revestido com a força do alto».

Depois Jesus levou os discípulos até junto de Betânia e, erguendo as mãos, abençoou-os.

Enquanto os abençoava,

afastou-Se deles e foi elevado ao Céu. Eles prostraram-se diante de Jesus,

e depois voltaram para Jerusalém com grande alegria.

E estavam continuamente no templo, bendizendo a Deus.

Reflexão vicentina

A celebração da Ascensão do Senhor deste domingo nos põe diante de um divisor de águas da história da salvação. Para os vicentinos, é importante perceber o momento da Ascensão no tempo, para que possamos dar sentido à nossa missão do hoje, na esperança da Parusia (da vinda definitiva de Jesus).

De forma muito simplificada, podemos dizer que antes da Ascensão ocorreu a criação do mundo, o nascimento e vida de Jesus, a Sua Morte e a Ressurreição. Toda a história do mundo fez sentido com a vinda de Jesus, com o seu sofrimento pelos nossos pecados e, sobretudo, com a Sua Ressurreição. Parecia que se fechou um ciclo da humanidade. Jesus havia salvado a todos com o Seu sangue, mas sobretudo, com a Sua Ressurreição. Como São Paulo nos diz: "se Jesus não ressuscitou, vã é a nossa fé" (I Cor 15, 14), ou seja, sem a Ressurreição, nossa fé seria sem sentido.

No momento da Ascensão, Jesus indica claramente que o último dia (a Parusia, o reencontro com Ele) ocorrerá efetivamente e que o Espírito Santo ficaria em cada um de nós para nos preparar o caminho. Na Ascensão, Jesus novamente se despede dos seus discípulos, mas ela representa um momento muito parecido e ao mesmo tempo, muito diferente da Morte de Jesus. Os dois momentos, o da Morte e da Ascensão, têm algo em comum: os dois significaram um período necessário de conversão, de reflexão e de espera. Mas os dois momentos são também muito distintos. Na Morte de Jesus, os discípulos ficaram meio "perdidos" porque não entenderam que não se tratava de um final: a Morte seria "substituída" pela Ressurreição. Na Ascensão, Jesus deixou o Espírito Santo e todos puderam entender que o Seu afastamento era efetivamente um recomeço, uma nova vida de esperança no reencontro com Ele.

Neste contexto, Jesus dá aos discípulos a missão de fazer com que todos conheçam e criem na História da Salvação, com a esperança do reencontro final. "Recebereis a força do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém e em toda a Judeia e na Samaria e até aos confins da terra" (At 1, 1-11). A Ascensão representa assim, um novo período da história da salvação em que todos são convidados a levar a boa-nova a todo o mundo. E esta missão é guiada pelo Espírito Santo.

Como vicentinos, sabemos que esta é a missão que abraçamos e que Deus nos deu como presente. A visita ao assistido e a busca da santificação têm que ser feitas através do sentido da evangelização, tanto dos Pobres, quando de todos, inclusive de nós mesmos. Na Ascensão, Jesus diz, em especial aos vicentinos que guiam seus caminhos missionários pelo Espírito Santo que Ele deixou no meio e dentro de nós. Por isso, dizemos que devemos "servir na esperança": servir aos Pobres, para que ambos – os Pobres e nós – tenhamos a esperança da chegada da Parusia.